

**EM CASA DE ENFORCADO, NÃO SE FALA EM CORDA: SENTIMENTOS EXPRESSOS POR ADOLESCENTES VIOLENTADOS SEXUALMENTE”**

**IN A HUNG MAN’S HOUSE IT IS NOT ALLOWED TO TALK ABOUT ROPE: FEELINGS EXPRESSED BY SEXUALLY ABUSED ADOLESCENTS**

**EN CASA DE AHORCADO, NO SE HABLA EN CUERDA: SENTIMIENTOS EXPRESADOS POR ADOLESCENTES VIOLENTADOS SEXUALMENTE**

HELENIRA MACÊDO BARROS<sup>1</sup>

ELIANY NAZARÉ OLIVEIRA<sup>2</sup>

MARIA SALETE BESSA JORGE<sup>3</sup>

MARCELA ALMEIDA FREIRE<sup>4</sup>

*O estudo teve como objetivo conhecer os sentimentos vivenciados pelos adolescentes violentados sexualmente. Trata-se de uma pesquisa de caráter exploratório-descritiva com abordagem qualitativa. A coleta das informações foi realizada no Programa Sentinela- Centro de Referência em Atenção à Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes, no município de Sobral-CE, no período de maio de 2003. Quinze adolescentes compuseram este estudo, com faixa etária de 11 a 17 anos. O instrumento utilizado para a coleta foi uma entrevista semi-estruturada. Evidenciamos sentimentos de tristeza, mágoa, revolta, vingança e ódio ao questionarmos as vítimas da violência sexual.*

**UNITERMOS:** Maus-tratos sexuais infantis; Adolescente; Comportamento; Saúde Mental.

*This study aimed at knowing the feelings experienced by sexually abused adolescents. It is an exploratory-descriptive research of qualitative approach. Data were collected at the Sentinel Program – Reference Center in Attention to Sexual Abuse against Children and Adolescents, in the municipality of Sobral-CE, in May 2003. Fifteen adolescents from 11 to 17 years old participated in this study. The instrument used for data collection was a semi-structured interview. We noticed feelings of sadness, grief, revolt, revenge and hatred as we inquired the victims of sexual abuse.*

**KEYWORDS:** Child sexual abuse; Adolescent; Behavior; Mental Health.

*El estudio tuvo como objetivo conocer los sentimientos vividos por los adolescentes que fueron violentados sexualmente. Se trata de una investigación de carácter exploratorio-descriptiva con abordaje cualitativo. La recogida de los datos fue realizada en el Programa Centinela – Centro de Referencia en Atención a la Violencia Sexual contra Niños y Adolescentes, en el municipio de Sobral-CE, durante el mes de mayo de 2003. Quince adolescentes con edades entre 11 y 17 años compusieron este estudio. Para la obtención de los datos se aplicó una entrevista semi-estructurada. Evidenciamos sentimientos de tristeza, amargura, rebeldía, venganza y odio cuando los cuestionamos sobre el asunto.*

**PALABRAS CLAVES:** Malos tratos sexuales infantiles. Adolescente. Comportamiento. Salud Mental.

<sup>1</sup> Aluna do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA

<sup>2</sup> Enfermeira. Mestra em Enfermagem em Saúde Comunitária, Doutoranda em Enfermagem pela UFC e docente do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú. E-mail: Elianny@hotmail.com.

<sup>3</sup> Enfermeira. Doutora em Enfermagem da EERP/USP. Titular em Enfermagem em Saúde Mental. Docente do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual do Ceará-UECE. Endereço: E-mail: Masabejo@hotmail.com

<sup>4</sup> Aluna do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú- UVA.

## INTRODUÇÃO

Pensar a saúde hoje no Brasil passa, necessariamente, pelos matizes da violência, pois esta vem se apresentando como fenômeno cujas facetas despertam apreensão no cotidiano, influenciando significativamente o processo saúde-doença de grupos.

Em relação à violência contra crianças e adolescentes ocorrida na realidade brasileira, esta é de tanta importância que mobiliza todos os setores da sociedade, sendo reconhecida como relevante problema de saúde pública. Atualmente algumas instituições brasileiras vêm debatendo, pesquisando e promovendo ações voltadas para o combate à violência contra crianças e adolescentes. Assim, o conhecimento sistematizado sobre o assunto, embora de forma fragmentada, se encontra presente em algumas instituições direcionadas para ensino, pesquisa e assistência.<sup>(1)</sup>

A violência, que dia-a-dia é apresentada como abuso sexual, psicológico ou físico, neste caso, de crianças e adolescentes, é uma articulação de relações sociais gerais e específicas, ou seja, de exploração e de forças desiguais nas situações concretas, não podendo, assim, ser vista como se fosse resultante de forças da natureza humana ou extranaturais, por exemplo, obra do demônio – ou um mecanismo autônomo e independente de determinadas relações sociais. Esta violência manifesta concretamente uma relação de poder exercida pelo adulto ou mesmo não adulta sobre a criança e o adolescente, num processo de apropriação e dominação não só do destino do discernimento e da decisão livre deste, mas de sua pessoa enquanto outro. Tal uso (chamado abuso) do poder da força constitui, de fato, profunda desestruturação de uma relação de poder, legítimo pelo direito e pelo diálogo, pela autoridade, na dinâmica de ensino-aprendizagem mútua vivida no questionamento comum do mundo e na construção da autoridade legítima.<sup>(2)</sup>

Em 1990, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) foi um marco, sancionado a partir da Lei nº 8069/90, fruto de diversos momentos de grupos organizados em todo o país em defesa da criança e do adolescente. Esses movimentos objetivaram evidenciar a falência do modelo de internato aplicado, baseado na correção e na repressão; denunciaram, entre outros abusos, a exploração de

crianças por adultos e reclamaram por uma sociedade mais igualitária e menos excludente.<sup>(3)</sup>

Conforme define o ECA, todas as crianças e adolescentes têm o direito à proteção integral e são indivíduos com direitos especiais, porque estão em processo de desenvolvimento.<sup>(4)</sup> O abuso sexual é um fenômeno universal, e atinge, indistintamente, todas as classes sociais, etnias, religiões e culturas, ocorrendo em populações de todos os níveis de desenvolvimento social e econômico.<sup>(5)</sup>

O abuso sexual na infância e adolescência é envolvido por perverso “pacto de silêncio”, principal responsável pelo tímido número de denúncias observadas. Acuada, a vítima depende, muitas vezes, de pessoas próximas a ela.<sup>(6)</sup>

Como todo ato ou jogo sexual, a violência sexual configura-se numa relação de poder heterossexual ou homossexual, entre um adulto e uma criança ou adolescente (ou entre um adolescente mais velho e uma criança), com a finalidade de estimular sexualmente a criança/ o adolescente ou utilizá-los para obter estimulação sexual sobre sua pessoa ou de outra pessoa.<sup>(7)</sup>

Nessas ocorrências, há sempre o prazer direto ou indireto do adulto, a criança é sempre a vítima e jamais poderá ser transformada em réu. De acordo com informações, a violência sexual não aflige somente os países em desenvolvimento. Dados do Projeto Amor à Vida informam que nos Estados Unidos cerca de 20% das meninas e 9% dos meninos são sexualmente abusados antes de atingirem 12 anos. Em São Paulo, no período de fevereiro de 1988 a março de 1990, foram denunciados ao Serviço de Advocacia da Criança 203 casos de violência sexual.<sup>(8)</sup>

No Brasil, segundo a Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência, o abuso sexual deve ser entendido como uma situação em que determinada criança ou adolescente é usada para gratificação sexual de certo adulto ou mesmo de adolescente mais velho, com base em uma relação de poder que pode incluir desde carícias, manipulação da genitália, mama ou ânus, exploração sexual, voyeurismo, pornografia e exibicionismo, até o ato sexual com ou sem penetração, com ou sem violência.<sup>(9)</sup>

Dos poucos dados disponíveis, concluímos que a maioria dos casos de abuso sexual acontece em casa, de forma repetida, sem violência aparente e sem evidências físicas. Na busca de preservar o núcleo familiar, as rela-

ções de interdependência, o medo e a omissão levam à constituição, na família. De um “muro de silêncio”, impedindo, assim, a notificação e a interrupção da violência sexual contra a criança e o adolescente.

O número de casos de violência sexual contra crianças e adolescentes diagnosticados no município de Sobral-CE parece seguir a mesma tendência das cidades de médio porte, caracterizadas pelo elevado crescimento nos últimos anos.

Diante do exposto traçamos o objetivo da pesquisa: Conhecer os sentimentos vivenciados pelos adolescentes que foram violentados sexualmente e que estavam em acompanhamento pelo Programa Sentinela, do município de Sobral-CE.

## PERCURSO METODOLÓGICO

Trata-se de uma pesquisa de caráter exploratório-descritiva com abordagem qualitativa. A pesquisa qualitativa é apropriada se o interesse está focalizado não em contar o número de vezes em que uma variável aparece, e sim o que elas apresentam. Com esta pesquisa tenta-se compreender um problema na perspectiva dos sujeitos que o vivenciam, assim como na perspectiva do próprio pesquisador.<sup>(10)</sup>

A coleta das informações foi realizada no Programa Sentinela- Centro de Referência em Atenção à Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes, no município de Sobral-CE. As atividades deste programa, o qual é financiado pelo Governo Federal e operacionalizado pela Secretaria de Desenvolvimento Social e Saúde via Fundação de Ação Social do Município de Sobral-CE, iniciamos em dezembro de 2001. O Sentinela tem como público alvo crianças e adolescentes do município de Sobral-CE (sede e distritos), vítimas ou em situação de risco de violência sexual, bem como seus familiares e mantém como referência as ações relacionadas no Plano Nacional, Estadual e Municipal de Enfrentamento à Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes.

A pesquisa foi desenvolvida no período de agosto de 2002 a julho de 2003. Entretanto, a coleta das informações aconteceu exatamente no mês de maio do referido ano. Abordamos dezesseis adolescentes que sofreram violência sexual e que são acompanhados pelo Programa Sentinela. Entre eles, apenas um adolescente não mostrou interesse

em participar da pesquisa. Respeitou-se à vontade do sujeito, bem como a do seu responsável. Participaram da pesquisa adolescente de ambos os sexos, com faixa etária de 11 a 17 anos. Estabelecemos um vínculo entre nós e os sujeitos do estudo por meio dos profissionais da instituição. A escolha da seleção desses quinze jovens aconteceu com a ajuda dos profissionais da instituição.

O instrumento escolhido para a captação das informações foi a entrevista semi-estruturada, a qual possibilita a interação entre o entrevistador e o entrevistado. A entrevista foi elaborada por sete tópicos que contemplam os objetivos propostos do estudo. Realizamos a testagem prévia do roteiro, objetivando a adequação do instrumento à coleta das informações.<sup>(11)</sup>

Em consonância com a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde, referente às pesquisas realizadas com seres humanos, solicitamos a autorização do Programa Sentinela – Centro de Referência em Atenção à Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes para a realização da pesquisa, apresentando os objetivos, e a colaboração dos envolvidos no trabalho junto das crianças e adolescentes vítimas da violência sexual.<sup>(12)</sup>

Solicitamos o consentimento dos pais ou responsáveis daqueles adolescentes vítimas da violência sexual extrafamiliar. No caso das vítimas de violência sexual intrafamiliar, a própria coordenadora do Programa Sentinela assinaria o termo consentindo a realização da pesquisa. Assim foi feito, pois, conforme percebemos, sem isso seria impossível os pais ou responsáveis assinarem tal autorização, porquanto foram eles os próprios agressores.

Como forma de sistematizar as informações elaboramos algumas temáticas baseadas no instrumento de coleta, bem como definimos diversas categorias de análise para demonstrar os momentos, marcas e enfrentamentos vivenciados pelos vitimados. Neste artigo apresentaremos apenas os resultados mais relevantes. Salientamos porém, que foram utilizadas expressões populares brasileiras para a elaboração das categorias, com intuito de maior aprofundamento e dinamização na exposição dos relatos dos adolescentes. As expressões utilizadas nos auxiliaram na solidificação das informações e todas elas vão ao encontro da realidade que os sujeitos do estudo puderam exteriorizar nos questionamentos.

## QUEM SÃO OS ADOLESCENTES VITIMADOS?

Um total de quinze adolescentes vítimas da violência sexual compuseram a amostra, sendo treze do sexo feminino e apenas dois do sexo masculino, na faixa etária de 11 a 17 anos. Esses dados vêm mostrar uma realidade não muito diferente da que ocorre na cidade de Maringá-PR, onde a violência sexual atinge mais o sexo feminino; quanto à idade, é na faixa dos 12 aos 18 anos que se encontram os maiores contingentes de vítimas da violência sexual. Outro fator percebido foi a questão da situação civil; treze adolescentes eram solteiros e dois mantinham situação marital.<sup>(13)</sup>

Percebemos como ainda é considerável a falta de informações destes jovens acerca da construção familiar. Para os do sexo feminino, por exemplo, essa é uma fase ótima para casar ou, quem sabe, ter um filho, pois são levadas muitas vezes pela emoção e não pela razão. A interpretação da situação marital assume maior importância quando em associação com outros fatores. Acredita-se que as vítimas muito jovens sejam as que dispõem de menor suporte social para enfrentar e superar os agravos resultantes da violência sexual.<sup>(14)</sup>

A escolaridade foi outro questionamento estudado. Nela detectamos que dos quinze adolescentes entrevistados doze estudavam e três haviam parado de estudar. Dos doze, três cursavam o ensino médio, sete o ensino fundamental e dois estavam fazendo o tempo de avançar, 3ª e 4ª séries.

Em nosso meio são escassos os registros quanto à escolaridade das vítimas de agressão sexual. A questão da moradia foi um tópico também abordado, onde constatamos que dos quinze entrevistados sete moravam com os pais, quatro apenas com a mãe, um com a avó, dois com seus maridos e um somente com a filha. A forma de moradia é outro questionamento a ser refletido, pois essa variação de habitação sugere idéias bastante contundentes dessa realidade, como por exemplo, o pai separado da mãe. Este fator é muito comum nos dias de hoje, e o próprio pai pode ter cometido o abuso sexual, daí a separação familiar; o jovem pode ter perdido seus pais muito precocemente, e a avó optou pela criação e, por último, a opção do casamento, daí eles estarem convivendo com seus companheiros.<sup>(15)</sup>

Ao se tratar das mais diversas formas de família ou de arranjos familiares que não mais o tradicional pai, mãe e filhos, essas variações de moradia vêm sendo considera-

das dentro de uma tendência de homogeneização não só dos padrões demográficos, mas de modos de vida em diferentes grupos sociais e regiões do país. Percebemos então que as formas de organização das famílias estão profundamente marcadas pelas desigualdades, características da estrutura social brasileira.

## SENTIMENTOS EXPRESSADOS PELOS ADOLESCENTES ACERCA DA VIOLÊNCIA SEXUAL

### A vingança é doce, mas os frutos são amargos (sentimento de vingança e ódio)

Sinto ódio, tristeza, quero vingança. Porque, quando meu padrasto fez isso comigo, minha vontade era de matar ele (Ouro, 13 anos).

Nesse depoimento evidenciamos o forte sentimento negativo do adolescente pelo agressor; em suas palavras encontra-se a verdadeira vontade de agir, tomar uma atitude extensiva a todos os agressores. O desejo de vingança e ódio ficarão intimamente registrados no interior do vitimado. A nosso ver, sentimentos desta dimensão favorecem o sofrimento, que tem como conseqüências efeitos incisivos no funcionamento fisiológico, gerando mau desempenho. Entre as características das famílias incestogênicas estão: o afeto dado de forma erotizada, a comunicação fechada, possibilitando a manutenção do complô do silêncio, o respeito incontestado à autoridade do chefe da família, a discriminação entre papéis de gênero, com conseqüente defesa da mulher-criança como objeto sexual do poder masculino. O que impede a denúncia é o segredo no qual toda a família se encontra envolvida, visto todos formarem uma unidade entrosada. Mas, a simples revelação do abuso sexual o transforma em realidade para o núcleo familiar, o que representa fator desestruturante para a família.<sup>(16)</sup>

### Ele me passou no buraco da agulha (sentimento traumático e de inferioridade)

Deixa trauma quando isso passa na vida da gente, até mesmo quando isso passa, a pessoa se sente com um sentimento de inferioridade (Sol, 15 anos).

Os relatos mostram as seqüelas deixadas pela violência sexual; o sentimento traumático poderá futuramente influenciar de forma negativa o relacionamento afetivo do adolescente. Dificilmente ele confiará no parceiro com o qual está se relacionando. Ficarão sempre registradas imagens deste lamentável acontecimento. A segurança e confiança no parceiro serão conquistas e se obter a longo prazo, lentamente.

Jamais vou esquecer o que meu pai fez. Cada vez que um homem me toca, tudo que sinto é ódio. É muito difícil explicar o que acontece comigo para os homens que querem me namorar. Eles jamais me entenderiam (Fabiana, 12 anos).

Os efeitos emocionais e físicos mais comumente encontrados pelos sobreviventes do incesto são no nível psicológico, fatores como depressão, baixa auto-estima, culpa, medo, ódio, desconfiança, fobias e pesadelos, bem presentes nos vitimados; já no nível físico, sobressaem sintomas de dores de cabeça, problemas gastrointestinais, transtornos ginecológicos e outros. Consoante podemos perceber, ocorre toda uma desordem no estilo de vida desses indivíduos, pois referidos acontecimentos ocasionam diversas mudanças, não somente no nível psicológico como também no físico, sexual e até mesmo nas maneiras de comportar-se. Isso gera sérios prejuízos, pois até o processo de comunicação e de relação interpessoal é afetado drasticamente.<sup>(5)</sup>

### **Quem não tem como morder, dá um jeito de arranhar (sentimento muito ruim)**

Uma coisa ruim, que não é boa, que maltrata (Alegria, 15 anos).

A pessoa sofre muito. Às vezes a gente chora quando pensa no que aconteceu. Eu queria que ninguém passasse por isso. É muito ruim (Safira, 16 anos).

As vítimas costumam se tomar adultas com forte tendência à depressão e à baixa auto-estima, a problemas emocionais, dificuldades de estabelecer relacionamentos.

São muito inseguras. A vítima geralmente precisa de ajuda para analisar o que passou e ter consciência de que não teve culpa pelo acontecido.<sup>(17)</sup>

### **COMO TUDO ACONTECEU...**

#### **Sedução é como abelha, tem mel e ferrão (sedução e ilusão)**

Foi que eu me envolvi com um homem casado por 3 meses. Ele tinha uns 29 anos. Ele me prometeu mundos e fundos, eu nunca tinha namorado ninguém, ele era muito carinhoso, falava que ia deixar a mulher dele para ficar comigo. Eu estava me iludindo cada vez mais por ele, até que um dia eu me entreguei para ele, e depois ele me deixou (pérola, 17 anos).

Fui iludida por um homem mais velho, elogios e mais elogios. Conquistando pouco a pouco, de início já ficava com ele. Prometia felicidade, carinho. Aí quando veio tudo à tona, ele me deixou. Ele foi muito safado (Cristal, 17 anos).

Percebemos como os agressores se comportam diante dos vitimados, aproveitando-se da ingenuidade e insegurança destes nessa fase da vida. A sedução e ilusão são os principais meios utilizados pelos adultos para usufruírem do corpo do adolescente.

Durante as entrevistas, os jovens se emocionavam demasiadamente ao relatarem os acontecimentos. Sentimentos de tristeza, amargura e sensação de solidão e vergonha eram algo muito evidenciado no semblante dos menores.

Segundo alguns estudos demonstram, os abusos sexuais geram uma sorte de enfeitiçamento capaz de manter a pessoa vitimizada como que seqüestrada e envolvida numa armadilha da qual não pode e nem sabe como se livrar. Esse processo de aprisionamento é construído por meio de uma trama emocional contraditória de amor/ódio, sedução/ameaça, o que faz com que a vítima, aterrorizada, permaneça imobilizada e por vezes como que anestesiada. Mencionada trama se mantém e se solidifica mediante rituais, do silêncio, da chantagem e de uma forma de comunicação muito particular. Tal atitude exercida por estes agressores merece ser

revista e refletida, para que soluções possam ser tomadas acerca desse comportamento muitas vezes imposto pelo adulto e pouco questionado pela sociedade.<sup>(4)</sup>

### **Quem não tem a força da razão usa a razão da força (utilizando a força física)**

Quando eu fui para casa dele pegar dinheiro, ele me embriagou e depois me amarrou na rede e começou a me bater. Aí depois ele me bateu, ele me estuprou por trás. Eu gritava e chorava, só que ele colocou um pano na minha boca para mim não gritar. Aí eu dizia que não queria, aí ele me bateu muito. Até que um dia eu disse pra minha mãe [...] (Ouro, 13 anos).

Meu pai, tudo ele fazia quando eu tava dormindo, era escondido da minha mãe. Aí ele tirava minha roupa, só a parte de baixo, aí ele introduzia o pênis dele. Toda noite eu acordava quando ele já tava comigo perto de mim, aí depois que acontecia ele saía ( Pérola, 15 anos).

Outro estudioso da área comenta que o homem, ao usar suas filhas pequenas e adolescentes para obter satisfação sexual de forma unilateral, transgride a lei que define tradicionalmente a função paterna em relação ao desenvolvimento das filhas.<sup>(12)</sup>

Entendemos a infância e a adolescência como um momento de fragilidade e indefinição psíquica; por este motivo, todos os agressores que cometem este ato perverso devem receber as mais fortes punições, sejam elas morais, judiciais ou sociais. Concordamos ainda com este estudioso quando questiona: que espécie de sexualidades se inscreve nessa prática de forçar uma criança a atividades inadequadas e inoportunas para seu corpo e maturidade? O adulto satisfaz-se com algo limitado pelo corpo infantil, não estando a criança desenvolvida ainda, afetiva e emocionalmente, econômica e intelectualmente. O pai que abusa sexualmente de uma filha pratica incesto e rouba-lhe o direito de escolher com quem compartilhar sua experiência erótica. Neste caso, a sexualidade da criança não expressará liberdade alguma, não se construirá de modo saudável, humano e prazeroso, mas como forma de trauma, ressentimento, amargura e profundas frustrações.<sup>(18)</sup>

### **EXPRESSANDO SEUS SENTIMENTOS POR TEREM VIVENCIADO A AGRESSÃO SEXUAL**

#### **A moeda tem duas faces (sentimento de tristeza e enganação)**

Foi muito ruim o que aconteceu comigo, porque ele mentiu pra mim, ele me enganou. Aí a mulher dele descobriu e contou para os meus pais, minha mãe foi denunciar ele. Ele mentiu muito, ele negou tudo para o juiz. Fui muito enganada por ele (Pérola, 17 anos).

Ah, fiquei muito triste, porque eu pensava dele uma pessoa totalmente diferente. E olha o que ele fez. Me deixou com um filho (Cristal, 17 anos).

Sentimentos como estes são os mais comumente encontrados nos adolescentes. O olhar triste, a desilusão e o arrependimento são características bem marcantes nesses indivíduos. Tais características perdurarão por longo período, chegando a tornar-se traumática na vida dos jovens. Eles sempre lembrarão os tristes acontecimentos de que foram vítimas durante sua adolescência. Esta fase de transformação, que deveria ser marcada por momentos bons, de descobertas, sonhos e realizações, ficará registrada por episódios de profunda tristeza, amargura e frustrações. Outro estudo vem corroborar nossos relatos, quando descreve que o adolescente, do ponto de vista da psicanálise, é um sujeito em vias de transformação, imerso em profundo processo de revisão de seu mundo interno e de suas heranças infantis, visando à adaptação ao novo corpo e às novas pulsações decorrentes da puberdade.<sup>(19)</sup>

O processo de transformação física e psicológica do jovem vai ocorrendo naturalmente, de maneira que ele possa perceber suas modificações e comportamentos verificados ao longo de seu crescimento. O indivíduo dificilmente esquecerá o vivenciado na infância e adolescência, principalmente quando foi vítima de lamentáveis acontecimentos, tal como a violência sexual perpetrada por adultos.

#### **Mata-se a cobra, mas não o veneno (sentimentos de raiva, ódio e vingança)**

Aí para mim o mundo tinha desabado, tive muita raiva, mágoa e tristeza. Não contei nada para ninguém, pois tinha medo dele me bater (Lua, 15 anos).

Tive vontade de bater nele, de matar ele! Senti muito ódio e raiva dele (Ouro, 13 anos).

Sentimentos de raiva, ódio e vingança são expressados pelos menores supracitados. Tais menores foram vítimas da agressão perpetrada pelo pai biológico e padrasto, o que certamente os indignava cada vez mais. Eles eram ameaçados pelos próprios agressores para não denunciarem o ocorrido. Se reagissem, o pior poderia acontecer. Os vitimados também achavam que, se denunciassem seus pais, as pessoas jamais iriam acreditar neles, e, se porventura acreditassem, os culpariam pelo que havia ocorrido. Alguns adolescentes então silenciavam os acontecimentos, guardando suas mágoas e amarguras, pois nem mesmo com a mãe poderiam contar. Para eles, a denúncia seria motiva de desestruturação familiar, e não desejavam ser culpados por toda a desordem que pudesse surgir.<sup>(20)</sup>

Do ponto de vista clínico e comportamental, quando a criança abusada sexualmente rompe o silêncio e transforma sua fala íntima em fala social, médica e jurídica, muitas vezes esta fala é interpretada como uma fantasia ou mentira. Por outro lado, quando ela é ouvida, o processo de intervenção é dificultado em decorrência das relações adultocêntricas, questões burocráticas, cultura conservadora das instituições e de suas práticas preconceituosas, discriminatórias e de controle em relação à sexualidade e gênero, o que facilita a retratação da figura materna em relação à denúncia feita contra o agente violador.<sup>(2)</sup>

### **A dor ensina a gemer (sentimentos de insegurança, medo e nervosismo)**

Eu fiquei nervosa, sentia muito medo e vergonha. Tinha medo dele fazer alguma coisa comigo, como acabou fazendo. Tive medo dele me bater (Rosa, 15 anos).

Sentia raiva sabe. Tinha vontade de contar mas eu tinha medo que ele fizesse alguma coisa comigo, porque ele me ameaçou (Topázio, 15 anos).

O medo, a insegurança e o nervosismo eram vivenciados pelas vítimas. Esse pavor era concreto, pois se sentiam coibidos pelos agressores. Tinham medo de contar

para alguém o acontecido, por temerem sofrer mais outro tipo de violência, no caso, seria a agressão física. Preferiam manter o silêncio e sofrer consigo mesmo, a exteriorizar os acontecimentos vivenciados. Entretanto, esse tipo de comportamento tende a desencadear no indivíduo fortes alterações emocionais, principalmente no respeitante às relações interpessoais, porquanto dificilmente o vitimado conseguirá manter uma relação afetiva sem desconfiança, insegurança e medo. Isto ficará profundamente arraigado no adolescente por longo período, às vezes, até pela vida inteira, até que ele consiga perceber nas pessoas outras formas de comportamento, aproximação, vínculo e credibilidade.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao final da pesquisa pudemos constatar como a violência sexual está cada vez mais se disseminando no meio social, afetando inúmeros indivíduos e desencadeando seqüelas emocionais e físicas. Esta é uma temática que já adquiriu caráter endêmico e se converteu em relevante problema de saúde pública em diversos países. Finalizamos esta etapa com a certeza de que outros e mais detalhados estudos sobre este objeto são necessários, pois nossas inquietações e indagações não foram esgotadas com esta pesquisa.

Percebemos a ótica do adolescente acerca da violência sexual, onde muitos relatavam que isto é algo ruim, que maltrata, desvaloriza, angustia, amedronta e humilha as pessoas violentadas. Outros diziam que ninguém merecia viver tal experiência, tais episódios tristes, e preferiam a morte a passarem de novo tudo de que um dia, injustamente, foram vítimas.

Encontramos diversos sentimentos expressados pelos jovens, entre eles, destacamos: tristeza, humilhação, trauma, inferioridade, enganação, ódio, vingança, desesperança, desvalorização, mágoa, revolta e raiva. Essas eram as principais queixas. Muitas vezes se emocionavam ao lembrar as perversões a que foram submetidos. Esses sentimentos eram comuns a todos, independiam do tipo de agressor, fosse ele pai, padrasto, vizinho, namorado, amigo, etc. Os jovens demonstravam profunda decepção, desconfiança e insegurança para com o agressor, os quais, muitas vezes, eram pessoas em quem o adolescente geralmente confiava e a quem admirava e amava.

Evidenciamos sentimentos diversos expressados pelos jovens, e o que nos preocupa são as suas indignações em relação aos agressores, e os conseqüentes prejuízos para a saúde mental desses jovens. Daí a necessidade de maior apoio da sociedade, em especial, das instituições diretamente envolvidas com o adolescente, as quais desenvolvem estratégias voltadas para o fortalecimento, amparo e tomada de decisões diante de circunstâncias como estas. É isso que o jovem espera de nós. Não devemos também nos esquecer dos seus direitos como cidadão; precisamos protegê-lo integralmente, proporcionar boas condições de vida em todos os sentidos e sempre ser justos e íntegros com ele.

Urge a mudança dessa concepção. Por isso devemos nos aliar e trabalhar com compromisso e responsabilidade para defender sempre o adolescente em qualquer circunstância, lutando pelos seus direitos de cidadão e por uma sociedade mais igualitária. Aqui está posto o desafio para todos nós; não devemos jamais ser cúmplices de atos hediondos, o que constituiria nossa maior falta como profissional e como cidadão.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Scharaiber LE, D'Oliveira AFL. Violência contra mulheres: interface com a saúde. *Interface, Comunicação, Saúde, Educação* 1999; 5(3):12-5.
2. Leal MFP, César MA. Indicadores de violência intra-familiar e exploração sexual comercial de crianças e adolescentes. Brasília: Centro de Referência, Estudos e Ações sobre Crianças e Adolescentes (CECRIA); 1998.
3. Santana JSS, Femani MGC, Pereira SM. Violência rima com adolescência? In: Ramos FRS, et al. Projeto acolher: adolescer, compreender, atuar e acolher. Brasília: A REN/Governo Federal; 2000. p. 95-103.
4. Mioto RCT. Famílias hoje: o começo da conversa. *Texto & Contexto Enfermagem* 1999; 8(2):211-9.
5. González N. Incesto: impacto en la vida de las mujeres. Cuadernos mujer salud/ red de salud de las mujeres latinoamericanas y del Caribe 2001; 6: 110-4.
6. Drezett J et al. Aspectos biopsicossociais em mulheres adolescentes adultas sexualmente vitimizadas: resultados da implantação de um modelo integrado de atendimento. *Rev Centro Referência* 1996; 1:5-8.
7. Cunha MLC. Curso de capacitação técnica no enfrentamento da violência doméstica na infância II. Fortaleza: CECovi; 2002. Apostila.
8. Secretaria do Trabalho e Ação Social(CE). Projeto amor à vida. Entendendo a adolescência. Fortaleza; 1997.
9. Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (ABRAPIA). Abuso sexual: mitos e realidade. Guia de orientação para a população. Petrópolis: Autores & Agentes & Associados; 1997.
10. Leopardi MT. Metodologia da pesquisa em saúde. Florianópolis: UFSC/Pós-Graduação em Enfermagem; 2002.
11. Trentini M, Paim L. Pesquisa em enfermagem - Uma modalidade convergente assistencial. Florianópolis: Ed. UFSC; 1999.
12. Conselho Nacional de Saúde(BR). Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. Normas para pesquisa envolvendo seres humanos. Resolução 196/96. Brasília; 1996.
13. Camargo CL, Buralli KO. Violência familiar contra crianças e adolescentes. Salvador: Ultragraph; 1998.
14. Ozaqui PE et al. Atendimento à mulher vítima de violência sexual. *RBM- Ginecol Obstetr* 1998; 2: 6- L
15. Peres A. Incesto: quebrando o silêncio. Maria Maria. *Rev Fundo Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher (UNIFEM)* 1999; 1: 34-3.
16. Faleiros ETS, Campos JOC. Repensando os conceitos de violência, abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes. Brasília; 2000. p. 27-31.
17. Passeti E. Violentados: crianças, adolescentes e justiça. São Paulo: Imaginário; 1999.
18. Felipe ST. Violência sexual na família e cumplicidade institucional. *Texto & Contexto Enfermagem* 1999; 8(2):77-100.
19. Levy R. O adolescente. In: Eizirik CL et al., organizadores. O ciclo da vida humana: uma perspectiva psicodinâmica. Porto Alegre: Artmed; 2001. p. 127 -40.
20. Pimentel S et al. Estupro: crime ou cortesia? - abordagem sócio jurídica de gênero. Porto Alegre: SAFE; 1998.

RECEBIDO: 22/10/2003

ACEITO: 17/02/2004